



A AUTO-ESTIMA NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR E DO PSICOPEDAGOGO

por

FÁTIMA DE LOURDES FONSECA CHAGAS

Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação em
Psicopedagogia Institucional, da
Universidade Federal de Santa Maria, como requisito parcial
para a obtenção do Grau de
Especialista em Psicopedagogia Institucional.

**Santa Maria, RS, Brasil
2005**

CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA INSTITUCIONAL

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Monografia de Especialização

A AUTO-ESTIMA NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR E DO PSICOPEDAGOGO

elaborada por

FÁTIMA DE LOURDES FONSECA CHAGAS

como requisito parcial para obtenção do grau de
ESPECIALISTA EM PSICOPEDAGOGIA INSTITUCIONAL

COMISSÃO EXAMINADORA

Lorena Inês Peterini Marquezan
Presidente/Orientador

Jose Luis Padilha Damilano

Maria Alcione Munhoz

Andréa Tonini
(Suplente)

Santa Maria
2005

SUMÁRIO

RESUMO	v
ABSTRAT	vi
CONSIDERAÇÕES INICIAIS	07
1. A AUTO-ESTIMA NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR E DO PSICOPEDAGOGO	10
1.1 Auto-Estima da Mulher como Profissional da Educação	10
1.2 O Papel Social do professor	33
2. O PAPEL DA PSICOPEDAGOGIA INSTITUCIONAL	39
3. CONTEXTUALIZAÇÃO METODOLÓGICA.....	44
3.1 Caracterização do Estudo.....	44
3.2 Contextualização da Escola.....	45
3.3 Participantes e Instrumentos da Pesquisa	46
3.4 Organização dos Dados	47
4. RELATO DOS DADOS OBTIDOS NA PESQUISA.....	48
4.1 Conclusão dos Professores Sobre o Filme: “ <i>Adorável Professor</i> ”	49
4.2 Entrevista com os Professores	50
4.3 Técnica Aplicada aos Professores	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	59
ANEXOS	63

MENSAGEM

Aprende a voar; quem não se aventura pelos mares, verá o casco de seu barco apodrecer em pleno cais; quem não ousar na vida profissional, ficará superado porque não foi capaz de dialogar com as mudanças que o tempo ofereceu...

A ousadia de ser MESTRE, MEDIADOR, PROFESSOR está em suas mãos. A adulez que já chegou à sua vida e foi assumida é o passo mais decisivo para você conviver com a responsabilidade da vida e com a liberdade conferida pela sua competência e pelo seu status.

Tenha orgulho de sua profissão. Encha o peito e diga o que você é, o que você sabe, o que você estudou e o que você é capaz de fazer.

Sua vida é um quadro lindo demais para não ter moldura, sua sabedoria é uma escultura de uma arte única que pertence só a você. A sociedade precisa conhecer a sua imagem dentro da moldura que você escolher

(Autor Desconhecido)

RESUMO

Monografia de Especialização
Programa de Pós-Graduação em Psicopedagogia Institucional
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil

“A AUTO-ESTIMA NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR E DO PSICOPEDAGOGO”

AUTORA: FÁTIMA DE LOURDES FONSECA CHAGAS
ORIENTADORA: PROF^a Ms. LORENA INÊS PETERINI MARQUEZAN

Data e Local da Defesa: Santa Maria, 24 de Maio de 2005

Esta pesquisa participante visa a apresentar um referencial teórico que salienta a importância do desenvolvimento pessoal, com a finalidade de elevar a auto-estima dos professores a fim de refletirem sobre o seu papel frente ao cotidiano escolar, com maior profundidade, procurando, assim, sair do ativismo, tão comum no meio escolar. Busca também, refletir sobre o atual papel do professor nessa mesma sociedade, haja vista tantas transformações do contexto vivido e as teorias para melhorar o ensino-aprendizagem, para que se realize a escola dos sonhos no século XXI. Apóia-se em teóricos renomados como Alves(1998), Arroyo(2000), Augusto Cury(2003) e Moacir Gadotti(1988) , entre outros, que entendem que o profissional da educação tem um papel político, social e intelectual a desempenhar, educando para a transformação da sociedade atual, tendo em vista uma educação igualitária e com qualidade para todos. Mas destacam principalmente a necessidade de criarmos espaços de reflexão com leituras de textos, livros, artigos, assistir e discutir filmes que auxiliem no desenvolvimento da auto- imagem, auto-estima e/ou auto-conceito dos educadores que devem num processo inacabado e permanente buscar sua atualização e crescimento permanente

ABSTRAT

This research presents a theoretical reference that points out the importance of the personal development, with goal to raise up the self esteem of the teachers due to make them to thoughtful about their everyday life, with more deepness, looking for getting out of activism, very common among the school environment. Try as well to think about the current role of the teacher in this society, witness so many transformation in the lived context and the theories to improve the teaching-learning, due to do fulfill the dream school of the XXI century. It's based in renowned theorists like Alves, Arroyo, Augusto Cury and Moacir Gadotti, among others, who understand that education professional has a role politically to carry out, teaching for the transformation of the current society, concerning an equally education with high quality to all. But it detach mainly the need of to be created spaces of thoughtful like reading of texts, books, articles, to watch and discuss films that help in the development of self image, self esteem and/or self concept of teachers who have to do, in an unfinished and permanent process, to search their permanent up to date and growth.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Como se vive em tempos de complexidade em todos os domínios da ciência, da técnica, de todos os conhecimentos, o indivíduo defronta-se com uma nova ordem social, com a qual precisa aprender a conviver e, ao mesmo tempo, dar-lhe, forma porque é algo novo que desponta. Já ao nascer, vê-se imerso num ambiente cultural que lhe apresenta maneiras de ver e lidar com o mundo ao seu redor. A fala, o comportamento do outro, as denominações e os objetos de uso vão apontar para uma dada forma de categorizar as coisas e de lidar com elas. Os gestos são apreendidos, inaugurando-se uma maneira própria de interação entre as pessoas, e isso mostra ao Professor a dimensão da sua responsabilidade frente à Educação igualitária que tanto se questiona no mundo atual.

O ser humano, para se constituir como tal, precisa viver num ambiente de trocas afetivas, emocionais e culturais. A partir disso, vai criando maneiras de lidar com o mundo, que o vão constituindo cognitivamente, afetiva, moral e emocionalmente. Cada cultura tem sua forma própria de mediação para a introdução do ser no mundo e maneiras específicas de lidar com as relações em meio a rituais e crenças peculiares, que vão dando consistência à vida em comunidade.

Atualmente, entretanto, se vive em uma época de trocas constantes entre as culturas, em meio a uma movimentação de pessoas e de informações. A tecnologia avança e, a escola deve estar inserida neste contexto de real atualização em relação a formação continuada dos professores, visto serem os mesmos o elo direto do relacionamento Professor-Aluno para que haja um

processo de apropriação dos conhecimentos de maneira gratificante onde o “saber e o poder” agem de forma inigualável.

Como aluna do pós-graduação em Psicopedagogia e como Orientadora Educacional me questiono: É possível desenvolver uma atividade que possibilite uma reflexão, um auto-conhecimento que eleve a auto-imagem, auto-estima e ao auto conceito dos Professores, Gestores Educacionais e Psicopedagogos?

Com essa proposta levantada desenvolvemos uma pesquisa participante com quinze (15) professores da Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. Alfredo Duarte ⇒ de pré-escola (Educação Infantil) e 1º ao 4º ano do Ensino Fundamental, com o propósito de possibilitar o aumento da auto-imagem, da auto-estima e/ou auto-conceito dos mesmos.

Freqüentemente os meios de comunicação, comentam a falta de espaço e que os Gestores Educacionais não proporcionam uma formação continuada aos educadores e, com essa idéia, enquanto Orientadora Educacional e futura Psicopedagoga acredito que é possível investir na tentativa de propiciar o que Rubens Alves (1994) no seu livro “Alegria de Ensinar” comenta: “*O professor deve ser um pastor de alegria, deve apresentar os conteúdos como se fossem taças coloridas; multiformes, cheios de sabores gostosos de se degustar*”.

Sabe-se que o proporcionar um ambiente escolar prazeroso, onde a convivência se torne mais alegre, mais leve, menos burocrática e pesada é função da autonomia do fazer pedagógico do professor em aula, onde deva existir alternativas criadoras, pensadas coletivamente pelos Gestores Educacionais e Psicólogos que com o pensar de Psicopedagogos, reforçaria esse grupo na escola buscando soluções para que se procure sair da crise porque passa a educação.

Nos dias de hoje tornou-se comum ouvir que a escola não vai bem. E, é nesse sentido que se escolheu o tema “A AUTO-ESTIMA NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR E DO PSICOPEDAGOGO”, em uma pesquisa, cerceada pela experiência da escola de hoje, onde se deve ver o que é possível desenvolver como atividades pedagógicas para elevar a auto-estima, a auto-imagem e/ou auto-conceito dos professores, gestores educacionais e psicopedagogos, num trabalho participativo nos encontros pedagógicos para que possa haver uma contribuição positiva durante o processo ensino-aprendizagem, como melhoria das condições do ensinar-aprender na escola estudada e a divulgação e reflexão nos papéis de cada um no contexto educacional: o fazer do aluno, do professor, da equipe diretiva nos espaço flexíveis da escola que, conseqüentemente, permitam mudanças circunstanciais na educação.

1. A AUTO-ESTIMA NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR E DO PSICOPEDAGOGO

1.1. A auto-estima da mulher como profissional da Educação

Em função da crise social que vive o mundo de hoje, em parte vinculadas aos movimentos de libertação feminina, considerou-se oportuno enfocar alguns aspectos ligados aos padrões culturais e sua relação com a auto-imagem da mulher como profissional da Educação, através de suas relações subjetivas e intersubjetivas. Aponta-se algumas reflexões sobre a sociedade ocidental e as tensões existentes na mesma entre o poder masculino e a condição feminina rumo à conquista da sua libertação.

Ser mulher na sociedade implica estar envolvida em uma formação social definida pelas características da estrutura de relações patriarcais que subsistem implicitamente até os dias de hoje. Há uma crença na diferença entre homens e mulheres do ponto de vista de personalidade, caráter e tipo de raciocínio. É questão cultural que foi se construindo ao longo do tempo, projetando um perfil feminino dócil, submisso e obediente, uma mulher dedicada às funções de mãe e dona de casa.

Considerando a História da Educação, a preocupação com a educação escolar generalizada das mulheres é muito recente. Em nosso país, ela data da segunda metade deste século, coincidindo com os movimentos de expansão do ensino público e gratuito. As mulheres ainda são consideradas mais conservadoras, menos ativas e mais dispostas a aceitar a autoridade e a hierarquia. Esses padrões de comportamento refletem-se nas decisões

ocupacionais, na transmissão de valores, expectativas e aspirações próprias da mulher. Conciliar os afazeres domésticos com as atividades de educadora permiti à mulher imprimir um ritmo próprio ao seu trabalho.

Nesse sentido, a profissão de professora se desenvolveu permeada pela ideologia de ser uma profissão feminina, o que era justificado pelo estereótipo de que lidar com crianças é serviço de mulher, está de acordo com a natureza feminina. O magistério foi se consolidando segundo a lógica da ideologia patriarcal, como uma das áreas adequadas às mulheres por ser considerada uma extensão do trabalho doméstico.

Com poucas alternativas educacionais e acostumadas a hierarquia patriarcal, as mulheres passam a assumir o magistério, tornando-se esta uma profissão eminentemente feminina. O acesso da mulher ao trabalho fora do lar representa um avanço na medida em que rompe com o fechado mundo doméstico e possibilita sua participação no mundo produtivo.

A auto-imagem e auto-estima são processos permanentes e contínuos da personalidade, depende da maneira que se percebe e do nível de conhecimento que se tem de cada um, do todo e dos outros.

Considerando o ser humano como um todo, não se separa os aspectos emocionais dos de trabalho; os sentimentos encontram-se presentes, permeando o todo e as partes na trajetória de vida de uma pessoa e do seu mundo.

Segundo Libâneo (1997), a idéia de que o magistério supõe dedicação e amor, invalidando a possibilidade de reivindicação salarial. Para manter uma auto-imagem sadia, é preciso elaborar os sentimentos de inferioridade de que cerca culturalmente o Sistema Educacional, assumindo identidade profissional e não permitindo que honorários profissionais sejam desvalorizados à medida que

se acentua a procura por determinada profissão, tornando-a uma atividade privilegiada pela mulher.

Assim, o Sistema Educacional deve ter consciência de que uma Educadora não pode ter auto-imagem negativa, na qual se percebe como pessoa dependente e frustrada em termos econômicos e afetivos. É difícil medir níveis de satisfação no trabalho, pois esse sentimento tem implicações psicológicas que vão além do espaço e do tempo em que se produzem. A chave de uma vida feliz, de auto-imagem sadia e de auto-estima positiva reside na independência das normas pré-estabelecidas e na criação de novas condições de vida. Beauvoir apud Moscovici (1998,p.164). Expressa assim os sentimentos femininos ante a possibilidade de mudança.

Dentro desta perspectiva, se tem muito a compreender e aprender sobre o fenômeno da libertação da mulher. Se percebe que havendo já conquistado alguns aspectos há, ainda um longo caminho a percorrer.

Para Poruschini apud Moscovici (1998, p.72):

A ideologia da vocação, do amor e da dedicação tem justamente por função encobrir as condições concretas em que se dão as relações de trabalho(...) As mulheres passam a acreditar que sua opção foi fruto de uma verdadeira vocação e não uma escolha que leva as possibilidades concretas de realização profissional.

Como a auto-estima é a vivência de ser apropriados à vida e as exigências que ela faz, mais especialmente a auto-estima é basicamente considerada:

- a confiança em nossa capacidade para pensar e enfrentar os desafios e problemas da vida;

- a confiança em nosso direito de sermos felizes, a sensação de sermos competentes, dignos, autônomos e qualificados para expressar e satisfazer nossas necessidades, desejos, motivações, sonhos, imaginação e desfrutar das nossas realizações por humildes que elas sejam.

Segundo Branden (1998,p.95) eis os seis pilares da auto-estima: *A atitude de viver conscientemente; a atitude de auto-aceitação; a atitude de auto-responsabilidade; a atitude de auto-afirmação; a atitude de intencionalidade; atitude de integridade Social.*

Primeiro Pilar: “*Atitude de viver conscientemente.*” Significa estar ciente de tudo no que diz respeito as nossas ações, valores e objetivos, também que daremos o máximo de nossa capacidade e nos comportaremos de acordo com o que vivemos e conhecemos.

Segundo Pilar: “*Atitude de auto-aceitação.*” É uma pré-condição para mudança e crescimento. Se eu aceitar o erro cometido por mim tenho condições de melhorar para o futuro.

Terceiro Pilar: “*Atitude de auto-responsabilidade.*” Somos responsáveis pelas realizações dos nossos desejos, por nossas escolhas e atos pelo nível de consciência com que trabalhamos, pela intensidade que vivemos os nossos relacionamentos, pela maneira como priorizamos nosso tempo, pela nossa própria felicidade, por aceitar ou escolher os valores pelos quais vivemos e pelo aumento de nossa auto-estima.

Quarto Pilar: “*Auto-afirmação*” É viver com autenticidade, falar e agir de acordo com as minhas convicções e os meus sentimentos mais íntimos.

Quinto Pilar: “*A atitude da Intencionalidade.*” Viver intencionalmente é importante a uma auto-estima realizada com plenitude, não as realizações mas sim as atitudes geradas intencionalmente.

Viver intencionalmente e produtivamente exige que cultivemos dentro de nós a capacidade de uma autodisciplina, de organização de comportamento ao longo do tempo em função das utilidades específicas.

Sexto Pilar: “*Integridade Social.*” A integridade não é a garantia de que faremos a melhor escolha, ela só exige que nossos esforços para escolher o melhor sejam autênticos, que sejamos conectados e com o nosso conhecimento, que recorramos à clareza racional e que assumamos a responsabilidade pelo que escolhemos e pelas conseqüências.

A auto-estima, a auto-imagem e o auto-conceito são construídos, a partir da formação de conceitos, preconceitos imaginários e simbolicamente. A partir das vivências sócio-culturais da família, da escola, dos grupos de iguais, se internaliza os valores grupais e sociais, e se procura meios intermediários para a construção da identidade do educando. Pensar e representar estas questões hoje, é fundamental ao desenvolvimento do ser humano, no desenvolvimento de pessoas autônomas, cidadãos, conscientes e participativas.

A auto-imagem e auto-estima determinam a maneira pela qual uma pessoa percebe, sente e responde ao mundo. Daí a importância de se estudar e procurar criar espaços que propiciem o seu desenvolvimento.

Conforme Branden :

A auto-estima é fundamental para a saúde psicológica, realizações e relacionamentos. Ele introduz os seis pilares da auto-estima que na verdade são seis atitudes baseadas em nossas ações do cotidiano que criam a base do estabelecimento e da manutenção da mesma (1998:p.38).

Ainda, Branden (1998), considera que “a auto-estima é a disposição para se vivenciar como alguém competente é merecedor de felicidade”. Com isso entende-se que essa realidade, implica num conceito positivo de si mesmo, necessário e essencial para uma vida de plenitude. Auto-amar-se é a chave para a saúde, o sucesso, o auto-conhecimento, o hetero-conhecimento e a felicidade.

Mosqueira afirma:

Que a identidade psicológica é um processo abrangente que engloba a auto-imagem e a auto-estima e está intimamente relacionada com a imagem e decorre de como os demais a vêem, e uma depende da outra e ao mesmo tempo é a avaliação que a pessoa faz de si que a conduz a gostar daquela imagem em diferentes graus, estimá-la e rejeitá-la (1977, p.34).

Para Rosenberg apud Sacristán (2000,p.19) a auto-imagem domina a vida da pessoa e determina seus pensamentos, sentimentos e conduta; ainda o autor apresenta a auto-estima com duas conotações diferentes para o termo:

- **Auto-estima alta:** a pessoa se respeita e estima, sem considerar-se melhor ou pior que os outros e sem acreditar-se perfeita, reconhecendo suas limitações e esperando melhorar e amadurecer.

- **Auto-estima baixa:** insatisfação, rejeição e desprezo de si mesmo, não se respeitando pelo que se observa em si, mas, ao contrário, desejando mudar porque lhe desagrada.

Cury, refletindo sobre *o que é ser feliz?*, analisa algumas respostas e sintetiza afirmando:

Ser feliz é gostar daquilo que se tem de fazer... a felicidade não vem de um instante mágico, de uma sorte colossal, mas do dia a dia, das pequenas coisas que representam nosso desafio, nossas tarefas. Para ser respeitado em sua casa e em sua escola você precisa gostar muito de si mesmo, das coisas que o cercam, das tarefas que precisa cumprir... Aprenda a gostar, mas gostar mesmo, das coisas que deve fazer e das pessoas que o cercam (2003, p.16).

Moscovici (1997) proporciona conhecimentos para a ampliação da auto-estima, da administração das emoções, da empatia e dos níveis de relacionamento social e da motivação pessoal, uma reflexão interessante, citando Descartes, e assim nos leva a percebermos a complexibilidade das suas ressignações:

Penso, logo existo”, quando Descartes disse isto ele não só estava pensando, mas também sentindo... provavelmente um grande prazer. Dentro desse contexto, se Descartes estivesse vivo e sintonizado com a atualidade, afirmava “Sinto e penso, logo existo. (MOSCOVICI, 1997:p.106).

Salienta a importância da autoconsciência, da auto-estima, autoconfiança, controle de impulsos, expressões adequadas de emoções e manutenção de relacionamento. Aspectos ao equilíbrio e auto controle emocional à resistência ao estresse tão presente no dia a dia do nosso professor, que além do seu trabalho ainda é sacoleira devido ao baixo salário que recebem, e ao descaso de nossos governantes, ao processo decisório, à autonomia e a própria felicidade. Quando sonhamos e acalentamos um sonho e o transformamos num plano significativo, o substrato é a emoção. (MOSCOVICI, 1997,p.66).

Segundo Marquezan apud Dani (1999,p.26), para se estabelecer um relacionamento de entre-ajuda professor aluno é fundamental atitudes como: Dar atenção a todos os alunos; olhar para todos; escutar cada um; elogiar e estimular as mudanças positivas; questionar opiniões; aproximar-se de cada um; compreender e estimular a mudança dos ansiosos, dos indiferentes, dos descontentes; valorizar suas realizações, ainda que pareçam insignificantes; acreditar no imenso potencial que cada ser humano traz dentro de si e que pode ser despertado através das relações interpessoais mediadoras, desafiadoras, críticas e transformadora.

Enfim pode-se dizer que uma auto-estima positiva decorre de quanto se aprende a se libertar e a libertar os outros, decorre também do quanto se é independente, autônomo, autêntico e feliz.

Alves (1994,p.18), nos fala:

Mas ninguém jamais pensou em avaliar a alegria dos estudantes... Porque a alegria é uma condição interior, uma experiência de riqueza e de liberdade de pensamentos e sentimentos. A Educação, fascinada pelo conhecimento do mundo, esqueceu-se de que sua vocação é despertar o potencial único que jaz adormecido em cada estudante. Daí o paradoxo com que sempre nos defrontamos: quanto maior o conhecimento, menor a sabedoria. T.S. ELIOT fazia essa terrível pergunta, que deveria ser motivo de meditação para todos os professores: "Onde está a sabedoria que perdemos no conhecimento?". Vai aqui este pedido aos professores, pedido de alguém que sofre ao ver o rosto aflito das crianças, dos adolescentes:...vocês são pastores da alegria e que a sua responsabilidade primeira é definida por um rosto que lhes faz pedido: "Por favor, me ajude a ser feliz [...]"

Percebe-se neste trecho a importância do professor ser o estimulador, o desafiador e o mediador do processo de desenvolvimento e aprendizagem com leveza, sensibilidade e sabedoria.

O desenvolvimento do autoconceito, da auto-estima abrange domínios citados por Krebs apud Mosquera (1977), pois sabe-se que o êxito e o fracasso na escola se relacionam entre tantas outras variáveis com a personalidade do aluno, em especial com a auto-imagem- conceito e ou auto-estima e estas por sua vez dependem do contexto escolar (professores, colegas, especialistas) assim como do contexto familiar e social mais amplo.

Segundo (ROGERS apud MOSQUERA,1977) a auto-estima está ligada ao valor que cada pessoa tem de si mesma e ela é decorrente de uma atitude positiva ou negativa frente a si própria, a auto-imagem é o espaço que a pessoa faz de si.

Portanto para os humanistas o centro do desenvolvimento da auto-imagem e ou auto-estima e/ou autoconceito é a própria pessoa.

Para Oliveira apud Oliveira (1994, p.56), o autoconceito se apresenta como a “atitude que o indivíduo tem de si mesmo decorrente de como se percebe”, a auto-imagem é considerada um sinônimo do autoconceito porém com um enfoque voltado para o sentido social de uma formação; a auto-estima está relacionada ao valor que o indivíduo percebe de si mesmo.

A valorização da pessoa depende de suas crenças, valores e atitudes que são sempre inacabadas.

Na concepção de Barros (1987,p.58), o auto conceito é visto como “a avaliação que o indivíduo faz de si mesmo, segundo atitudes que ele formou através de suas experiências”. Portanto, depende da atitude intrínseca e extrínseca, num movimento de trocas, de aperfeiçoamento.

Segundo Alencar (1997, p.48), o auto conceito diz respeito à imagem subjetiva que cada um de nós tem de si mesmo e que passamos a vida tentando manter e melhorar. Ele é formado pelas crenças e atitudes a respeito de nós mesmos, sendo altamente influenciado pela nossa percepção que os outros pensam de nós. Constitui um determinante importante da pessoa que somos. Determina ainda que o que pensamos a respeito de nós mesmos, o que faremos e o que acreditamos que podemos fazer e alcançar. Assim, se nos percebemos como pessoas competentes e capazes, procuraremos agir de uma forma congruente com esta auto-imagem. Por outro lado, se nos percebemos como pessoas incapazes, agiremos de forma a corresponder também a esta auto-imagem.

O autoconceito é o que eu penso da minha pessoa, podendo ser positivo ou negativo. A relação com as pessoas que são percebidas como sendo significativas e com o meio no qual está inserida o indivíduo vai recebendo influências que pela natureza, vão determinando a maneira de como se percebe e como é percebido pelos outros, contribuindo assim, para a percepção que passa a ter de seu meio ambiente.

Pesquisas indicam que membros de grupos minoritários que alcançaram uma identidade explorando e adotando valores de uma herança ética e da cultura dominante, tem uma noção mais forte de auto-estima, sentem-se mais competentes e têm relações mais positivas com os outros (Oliveira,1994,p.67).

Cada um de nós tem uma herança étnica. Quando os adolescentes pertencentes à cultura majoritária são instruídos e seguros quanto a sua própria herança, eles também têm mais respeito pela herança dos outros. Portanto, explorar as raízes étnicas de todos os alunos deve promover a auto-estima e aceitação do outro (ROTHERHAM e BORUS, 1994).

A auto-estima foi muito bem estudada segundo Antunes (2002), pelo psicólogo Stanley Coopersmith, que desenvolveu trabalhos sobre o seu desenvolvimento no ser humano, referindo-se a ela como o “valor que o indivíduo atribui a si mesmo”. Coopersmith iniciou a sua investigação com uma amostra de meninos de 10 anos e seguiu-os até o início da vida adulta. Utilizando testes psicológicos e de autoclassificações, descobriu que sua amostra poderia ser dividida de forma consistente em três grupos, que determinou de auto-estima “alta”, “média” e “baixa”, verificando que os primeiros demonstravam possuir opinião extremamente positiva sobre si mesmos e sobre suas habilidades, apresentando-se confiantes, envolventes e pouco se importando com críticas negativas. Os de média auto-estima apresentavam algumas dessas qualidades,

mas eram menos seguros, mais conformistas e mais ansiosos quanto à sua relação social. Os de baixa auto-estima, formavam um grupo triste, isolado, inseguro e extremamente sensível às críticas, com tendência a apresentar baixo rendimento escolar.

A análise de Coopersmith mostra com firmeza o papel da família, mas o circunscreve não apenas a ela. Os amigos que se tem, a escola que se frequenta e os professores com os quais se convive completam o esboço dessa forma de ser modelada no lar. Casas e escolas com limites disciplinares claramente definidos, pais e mestres que evitam punições corporais, substituindo-as por recompensas por bom desempenho, que estimulam as amizades, que ensinam a sociabilidade, demonstrando interesse por todos os assuntos dos filhos ou de seus alunos não são apenas figuras que se guardam com paixão, lembranças que se acalentam com saudade, mas sobretudo arquitetos da automotivação e da capacidade de querer bem o próprio eu. No lado avesso dessa formidável construção, apareciam lares e escolas injustas, onde padrões disciplinares flutuavam entre a super-rigidez ou a superpermissividade, e pais ou professores responsáveis por deformações temperamentais incuráveis. A óbvia verdade é que o cérebro em formação extrai e interioriza para todo o sempre o quadro que os adultos fazem dele.

Guardadas as devidas proporções, e invadindo-se a seara das ironias, é lícito afirmar que os estudos de Coopersmith representam para a educação emocional um papel semelhante que o exame de ultra-som representa para a definição do sexo da criança que irá nascer. Se seu advento quebrou a curiosa expectativa da adivinhação, substituindo-a pela incontestável certeza da tecnologia, esses estudos também revelam que não existe sorte ou azar na escultura da auto-estima de quem educamos. Mais do que nunca, está nas mãos de quem educa, e somente nelas, o sucesso ou o fracasso escolar, a vida limitada

pela insegurança e pela indecisão ou a alegria de crescer e a serenidade para fazer amigos e construir a felicidade (ANTUNES,2002).

Embora a auto-estima seja um conceito abstrato e dinâmico, com altos e baixos em diferentes momentos da vida, há uma série de *sinais* que podem nos indicar quando uma pessoa tem uma boa auto-estima.

Conforme Antunes (2002,p.45), os mais importantes ⇒ **Índices Físicos:** prazer de estar vivo, manifesto nas expressões faciais, atitude física relaxada, maxilares soltos, voz melodia, com intensidade apropriada a cada situação, pronuncia clara, graça e espontaneidade, e outros. **Alguns emocionais e psicológicos:** amor próprio, auto-aceitação, segurança, autoconfiança de capacidade de confiar nos outros, buscar aprimoramento constantemente, saber o que quer, respeito a si e aos outros, vínculos saudáveis, ter um caminho espiritual, ter metas claras, empatia, equilíbrio emocional, alegria, atitude positiva, pedir perdão, vontade de viver, de crescer, de ser feliz, integração da razão com o coração, crenças positivas e permissão para ser feliz, etc.

É fundamental entender que para mudar algo a respeito da pessoa é preciso que se aceite o fato de que existem coisas que se pode controlar e outras que não se pode, onde a baixa estima provavelmente seja efeito cumulativo da maneira como pais, amigos, parentes, marido ou mulher ou qualquer outra pessoa importante, do convívio direto, se comportam ou se relacionam entre si, no conjunto familiar.

Ao reconhecer que não se pode controlar os outros, ou a maneira que eles tratam as pessoas, se reconhece também que existe uma determinada maneira sim de controlar a forma como a eles se pode trabalhar, de acordo com a funcionalidade, o momento, a parte sociológica e psicológica da pessoa. Somente ela tem o poder sobre si mesmo.

Um dia o Papa João XXIII disse uma palavra que ninguém conhecia.

Então lhe disseram:

— Mas Vossa Excelência, esta palavra não consta nem no vocabulário romano...

Ao que ele respondeu:

— Mas ainda não colocaram?

As possibilidades de crescimento são infinitas. Mesmo após atingir a saúde perfeita, ainda se tem pela frente todo um caminho espiritual. Dedicar um tempo, sistematicamente, a um caminho desta natureza, dá mais alegria e sentido a vida.

O valor da sobrevivência da auto-estima é em especial evidente nos dias de hoje. Chegou-se a um momento da história em que a auto-estima, que sempre foi uma necessidade psicológica importantíssima, tornou-se também uma necessidade econômica importantíssima. O atributo imperativo para a adaptação num mundo cada vez mais complexo, desafiador e competitivo. Vivemos atualmente numa economia global caracterizada por mudanças rápidas, por aceleradas inovações científicas e tecnológicas e por um nível de competitividade sem precedentes.

É saber o que é importante para o conjunto. Caso contrário, será fácil fazer um jogo de um lado para o outro e tragados por valores estranhos a cada um, perseguindo objetivos que não dizem respeito a quem de fato se é e ao que se pretende chegar.

Se precisa aprender a pensar por todos, cultivar os próprios recursos e assumir a responsabilidade para escolha, para valores e para ações que dão forma a vida, a segurança pessoal e da autoconfiança baseados na realidade, pois se falta auto-estima adequada a quantidade de escolhas que é oferecida

pode ser assustadora, algo como a ansiedade de um cidadão soviético entrando pela primeira vez em um supermercado americano.

Nem os pais, nem a educação preparam de maneira adequada para um mundo com tantas opções e desafios. Por isso a questão da auto-estima tornou-se tão presente na escola, como um aparte aos pais, aos professores, aos psicoterapeutas, aos administradores educacionais, sendo o ponto de partida ainda em si mesmo. Se a pessoa não entende como a dinâmica da auto-estima funciona internamente — se não sabe por experiência própria o que diminui ou aumenta a sua própria valorização — ela não terá a compreensão íntima do que é necessário para dar a melhor contribuição possível aos outros.

Se, de um lado, se tem presente que a globalização é uma espécie de força de gravidade, inevitável, portanto, de outro lado, as fronteiras individuais estão abertas a toda e qualquer invasão, sobretudo natural. Isso choca e faz debilitar a auto-estima por ver o mundo mais íntimo devassado sem pedido de permissão.

Fatos recentes, como dos ataques às torres gêmeas em Nova York, passaram a permitir maiores invasões sobre e-mails, telefonia, correspondência e tudo o que poderia, ao lado de uma vida saudável e simples, ser um complicador para estados e nações às voltas com o terrorismo, visto que o terror, pelos seus métodos e processos usados, faz evidenciar aspectos a auto-estima das pessoas e, por incrível que pareça seu combate pode ser levado pelas estradas cheias de complexidades.

Mas, como a auto-estima de um professor pode ser abalada, no decorrer do seu trabalho, nas escolas? Se um professor desenvolve um estilo de pensamento linear, dentro de uma visão segmentada e reducionista, em pouco tempo sentir-se-á defasado de seu tempo, enquanto os alunos não sabem o

porquê de aulas tão enfadonhas. Ao contrário, se esse mesmo professor buscar a compreensão do mundo através do pensamento complexo dentro de uma visão sistêmica e interdisciplinar, mostrará aos seus alunos um mundo diverso daquele conhecido pelos livros de textos de décadas passadas. Em consequência, a vida desse professor, seu trabalho e a visão de seus alunos acerca do mundo serão, certamente, muito mais estimulantes para se continuar a buscar o novo dentro das escolas.

Não se pode, ainda falar em auto-estima se aquilo que se ensina não tem significado. Se imagina, agora, aulas sem significado, tarefas sem sentido aplicadas dentro de salas para alunos sedentos de novidades e convivendo com realidades virtuais e de informação com extrema rapidez. Nesse caso, certamente, professor e aluno estarão envolvidos pelo fantasma da perda da auto-estima.

O doutor Roberto Shiniashiki apud Oliveira (1994,p.17) chama a atenção para a questão do desenvolvimento das virtudes da alma. Seriam elas: o aprender a aprender, o pensamento estratégico, o envolvimento com as equipes de trabalho, o saber tocar mentes e corações, o comprometimento com resultados e amor ao próximo. Conseqüentemente, se algum professor deseja manter a auto-estima precisa redirecionar o trabalho em conjunto com colegas e alunos, dando significado ao que faz e desenvolver suas atividades profissionais sempre procurando uma visão holística do mundo onde variáveis múltiplas e intervenientes devem ser consideradas no equacionamento dos problemas.

Em seu livro da Artmed, Temas transversais, Rafael Yus (2000) nos indica uma série de características positivas desse processo, citando Celório (1992), quando os analisa culturalmente: a impugnação de um modelo global que não seja solidário e que permita as desigualdades sociais; todos os temas são educações de valores em que a apresentação de problemas facilita o reconhecimento dos conflitos e educa através deles; o rompimento de visões

dominantes, tais como o androcentrismo, o etnocentrismo e várias formas de injustiça; reconhecimento da importância de fazer conexões com a realidade e provocar a empatia.

Vê-se, claramente, como uma pessoa descomprometida acaba colocando-se contra os temas transversais. Geralmente são pessoas muito integradas aos sistemas dominantes e que não se interessam pelas transformações da sociedade. O resultado disso será, sem dúvida, a convivência dentro do magistério, com auto-estima baixa e sem estímulo para trabalhar e buscar a sua formação continuada.

Serão pessoas que, infelizmente, poderão trazer em seu peito a data de validade vencida. Assim a escola e os alunos não suportarão muito tempo. O profissional do magistério, também.

Uma pesquisa feita e divulgada na Revista Nova Escola revela que o professor sente-se socialmente desvalorizado. A maior prova de que isso é verdade é o baixo salário que recebem. “A relação remuneração/desempenho profissional (...) é questão que merece exame”, observam os pesquisadores da Fundação Carlos Chagas, “Uma vez que se associa aspectos de auto-estima e valor social, tendo com isso impacto direto no perfil do profissional e em suas condições básicas para atuar eficazmente”. O baixo salário mexe com a auto-estima do professor e tem impacto direto sobre sua atuação profissional.

Outro motivo do aparente desinteresse são as exigências de sua profissão segundo Oliveira:

os professores trabalham em média na escola 96 horas por mês, passam cerca de 17 horas preparando aulas e 13 horas corrigindo provas e exercícios e, não recebem nada pelas atividades extraclasse. A maioria (61%) dos professores trabalha em uma só escola, mas boa parte dos paulistas e dos mineiros, tem outra ocupação — quando não em outra escola, dão aulas particulares,

fazem serviços de costura, são artistas plásticos e vendedores de roupas (1994,p.28).

Em alguns dados relatados em pesquisa feita pela Revista Veja (1993, p.17), *que apesar de divididos entre contentes e descontentes com sua profissão, os professores demonstram descrença quanto ao futuro dos alunos: 43% dos entrevistados acham que os alunos só completarão o Ensino Fundamental ou, no máximo, chegarão a terminar o Ensino Médio (48% das respostas)*. O professor não vê seu futuro tão ligado à sala de aula: enquanto 37% dos entrevistados pretende estar, daqui a cinco anos, na mesma escola, 23% desejam estar aposentados e 20% querem permanecer no sistema educacional, mas fora das escolas.

Segundo Cury :

Devemos procurar soluções que ataquem diretamente o problema. Precisamos conhecer algo sobre o funcionamento da mente e mudar alguns pilares da educação. As teorias não funcionam mais. Bons professores estão estressados e gerando alunos despreparados para a vida. Bons pais, estão confusos e gerando filhos com conflitos. Existe, no entanto, uma grande esperança, mas não há soluções mágicas(2003,p.67).

Atualmente não basta ser bom, pois a crise da educação impõe que se procure a excelência. Os pais precisam adquirir hábitos dos pais brilhantes revolucionar a educação. Os professores precisam incorporar hábitos dos educadores fascinantes para atuar com eficiência no pequeno e infinito mundo da personalidade dos seus alunos.

Como educadores, se vê a necessidade e a obrigatoriedade de ser formador de seres humanos inteligentes e felizes, capazes de sobreviver em sociedade, especialmente nos dias de hoje, na estressante manobra para sobreviver com dignidade e desenvolver a cidadania. A boa notícia é que pais ricos ou pobres, professores de escolas ricas ou carentes podem igualmente

praticar os hábitos e técnicas propostos aqui. *Um excelente educador não é um ser humano perfeito, mas alguém que tem serenidade para se esvaziar e sensibilidade para aprender” (CURY,2003, p.46).*

Conforme Cury (2003, p.12), *a capacidade de reclamar é o adubo da miséria emocional e a capacidade de agradecer é o combustível da felicidade.* Com isso se enfatiza a realidade da vivência humana: muitos mendigam o pão da alegria, mesmo morando em palácios. Para muitos, a felicidade é loucura dos psicólogos, delírio dos filósofos, alucinação dos poetas. Eles não entenderam que os segredos da felicidade se escondem nas coisas simples e anônimas, tão distantes e tão próximas deles, visto que antigamente, os pais eram autoritários; hoje, são os filhos. Antigamente, os professores eram os heróis dos alunos; hoje, são vítimas deles.

Vive-se, todavia tempos difíceis. As regras e os conselhos psicológicos parecem não ter mais eficácia. Pais do mundo todo se sentem perdidos, sem solo para andar, sem ferramentas para penetrar no mundo dos seus filhos. De fato, conquistar o planeta psíquico dos filhos é tão ou mais complexo do que conquistar o planeta físico. Infelizes dos psiquiatras que não conseguem aprender com seus pacientes. Infelizes dos pais que não conseguem aprender com seus filhos e corrigir rotas. Infelizes dos professores que não conseguem aprender com seus alunos e renovar suas ferramentas. *A vida é uma grande escola que pouco ensina para quem não sabe ler (CURY,2003,p. 17).*

Como pais e professores são parceiros na fantástica empreitada da Educação e, por ser a vida uma grande escola, os pais devem procurar compreender os hábitos dos professores que procuram ser bons e fascinantes, sendo úteis na jornada do ensinar-aprender.

Cury (2003), introduz os sete hábitos dos bons e fascinantes professores que coloca-se a seguir: *“Educar é ser um artesão da personalidade, um poeta da inteligência, um semeador de idéias”*.

Os bons hábitos contribuem para desenvolver em seus alunos, a capacidade de gerenciar os pensamentos, administrar as emoções, ser líder de si mesmo, trabalhar perdas e frustrações, superar conflitos (CURY,2003,p.36). Bons professores têm uma boa cultura acadêmica e transmitem com segurança e eloqüência as informações em sala de aula. Os professores fascinantes ultrapassam essa meta. Para eles, cada aluno é mais que um número em sala de aula, mas um ser humano complexo, com necessidades peculiares.

Essa experiência está registrada de maneira privilegiada no solos da memória, e somente ela cria avenidas na memória capazes de transformar a personalidade, trazendo sempre as transformações que transmitem para a experiência de vida. Já que a educação passa por uma crise sem precedentes na história, os alunos estão alienados, não se concentram, não têm o prazer em aprender e estão ansiosos. As causas principais são frutos do sistema social que estimulou de maneira assustadora os fenômenos que constroem os pensamentos. A qualidade e a velocidade dos pensamentos mudaram e, para o Professor acompanhar essa mudança precisa conhecer alguns papéis da memória e algumas áreas do processo de construção da inteligência para encontrar os pensamentos necessários e capazes de dar uma reviravolta na Educação.

A Síndrome do Pensamento Acelerado (SPA), dos alunos faz com que as teorias educacionais e psicológicas do passado quase não funcionem, porque enquanto os professores falam, os alunos estão agitados, inquietos, sem concentração e, ainda por cima, viajando nos seus pensamentos.

De acordo com Cury (2003), *“Os professores estão presentes em sala de aula e os alunos estão em outro mundo. Não basta ser eloqüente”*. Para ser um professor é preciso conhecer a alma humana para descobrir ferramentas pedagógicas capazes de transformar a sala de aula num Oásis, e não numa fonte de estresse. É uma questão de sobrevivência, pois, caso contrário, alunos e professores não terão qualidade de vida. E isto já está acontecendo.

Segundo Cury (2003), *“destruíram a qualidade de vida do professor”*. Uma revelação chocante, a situação é igualmente crítica. De acordo com pesquisas do Instituto Academias de Inteligência (1990), no Brasil, 92% dos professores estão com três ou mais sintomas de estresse e 41% com dez ou mais. É um número altíssimo, indicando que quase a metade dos professores não deveria estar em sala de aula, mas sim internados numa clínica anti-estresse.

Cury salienta que...*“Damos valor ao mercado de petróleo, de carros, de computadores, mas não percebemos que o mercado da inteligência está falindo”*.

Bons professores têm hábitos de contribuir para desenvolver a auto-estima, estabilidade, tranqüilidade, capacidade de contemplação do belo, de perdoar, de fazer amigos, de socializar (CURY, 2003,p.56). Bons professores falam com a voz e falam com o olhar; são didáticos, vão além. Possuem sensibilidade para falar ao coração de seus alunos e sabem proteger a emoção nos focos de tensão. Tudo isso significa não deixar que a agressividade e as atitudes impressadas dos seus alunos roubem sua tranqüilidade. Entende que os fracos excluem, os fortes acolhem, os fracos condenam, os fortes compreendem.

Ainda Cury salienta que o professor enxergue o mundo com os olhos de uma águia. Deve ver por vários ângulos a Educação. Deve entender que somos criadores e vítimas do sistema social que valoriza o teu e não o seu, a estética e não o conteúdo, o consumo e não as idéias. Os educadores, apesar de suas

dificuldades, são insubstituíveis, porque a gentileza, a solidariedade, a tolerância, a inclusão, os sentimentos altruístas, enfim, todas as áreas da sensibilidade não podem ser ensinadas por máquinas, e sim por seres humanos.

“Os bons professores, educam a inteligência lógica, educam a emoção” (CURY,2003,p.35), hábito contribui para desenvolver: segurança, tolerância, solidariedade, perseverança, proteção contra os estímulos estressantes, inteligência emocional e interpessoal. Os professores fascinantes sabem que trabalhar com a emoção é mais complexo do que trabalhar com os mais intrincados cálculos da física e da matemática. Educar a emoção com inteligência, é estimular o aluno a pensar antes de agir, a não ter medo do medo, a ser líder de si mesmo, autor da sua história, a saber filtrar os estímulos estressantes e a trabalhar não apenas com fatos lógicos e problemas concretos, mas também com as contradições da vida. As escolas não estão conseguindo educar a emoção. Elas estão gerando jovens insensíveis, hipersensíveis ou alienados. Precisa-se formar jovens que tenham uma emoção rica, protegida e integrada.

Cury (2003) revela que ... *“Bons professores usam a memória como depósito de informações, professores fascinantes usam-na como suporte da arte de pensar”.* Este hábito contribui para desenvolver o educando no pensar antes de agir, expor e não impor as idéias, consciência crítica, capacidade de debater, de questionar, de trabalhar em equipe, professores fascinantes também cumprem os conteúdos programáticos, mas seu objetivo fundamental é ensinar os alunos a serem pensadores e não repetidores de informações.

Sabe-se que a educação clássica transformou a memória humana num banco de dados, onde a memória não tem essa função, grande parte das informações que se recebe nunca será recordada, sendo ocupado um lugar espaço precioso da memória com informações pouco úteis e até inúteis. A contradição está na memória e clama para que o ser humano seja criativo, mas a

educação clássica clama para que ele seja repetitivo, como já disse a memória não é um banco de dados nem nossa capacidade de pensar é uma máquina de repetir informações, como as pobres máquinas de computadores, sendo a memória dos computadores é escrava dos estímulos programados. A memória humana é um canteiro de informações e experiências para que cada um de nos produza um fantástico mundo de idéias, sendo um membro da tribo africana tem o mesmo potencial intelectual de um cientista de Harvard. Muitos consideram que Einstein foi o maior cérebro do século XX.

Com essa realidade expressa por Cury (2003), vê-se que as provas escolares que estimulam os alunos a repetir informações, além de pouco úteis são prejudiciais, pois engessam a inteligência, elas deveriam ser abertas, promover criatividade, estimular o desenvolvimento do livre pensamento, cultivar o raciocínio esquemático. Nelas deveria ser valorizado qualquer raciocínio esquemático, qualquer idéia organizada, mesmo que estivesse errado em relação à matéria dada. Isso valoriza pensadores.

“Os professores fascinantes são mestres inesquecíveis e não temporários, Cury” (2003), esta competência contribui para desenvolver: sabedoria, sensibilidade, afetividade, serenidade, amor pela vida, capacidade de falar ao coração, de influenciar pessoas. Um bom professor é lembrado nos tempos de escola, é admirado e se preocupa com as notas de seus alunos, enquanto um professor fascinante é um mestre inesquecível, é amado e se preocupa em transformar seus alunos em engenheiros de idéias, que quer formar seres humanos que farão diferença no mundo. Suas lições de vida marcam para sempre os solos conscientes e inconscientes de seus alunos. O autor diz: “Tenho investigado a vida de grandes pensadores como: Confúcio, Buda, Platão, Einstein. Todos eles foram mestres inesquecíveis, porque estimularam seu íntimo a velejar para dentro de si mesmo”.

Na coleção de livros Análise da inteligência de Cristo (Cury, 2003), tive a oportunidade de investigar os pensamentos de Jesus Cristo, bem como sua capacidade proteger a emoção, e sua habilidade de trabalhar nos solos da inteligência dos seus discípulos, tornando-se assim o mestre inesquecível, não por atos sobrenaturais, mas sim porque arejou o anfiteatro da mente humana com habilidade ímpar.

Cury salienta que ...

Bons Professores corrigem comportamentos, professores fascinantes resolvem conflitos em sala de aula e, este hábito contribui para desenvolver: superação da ansiedade, resolução de crises interpessoais, socialização, proteção emocional, resgate da liderança do eu nos focos de tensão”, onde as informações são arquivadas na memória, as experiências são gravadas no coração”(2003,p.29).

Entre corrigir comportamento e resolver conflitos em sala de aula há uma distancia maior do que imagina a nossa nobre educação, é preciso conhecer a síndrome SPA e os professores necessitam proteger sua emoção diante do calor dos conflitos dos alunos, caso contrário um atrito poderá desgastá-los profundamente tornando assim a escola em um deserto e os professores contarão nos dedos os dias que faltam para a aposentadoria. O afeto e a inteligência curam as feridas da alma, reescrevem as páginas fechadas do inconsciente.

Concluindo Cury enfoca que os *“bons professores educam para uma profissão, professores fascinantes educam para a vida”*... este hábito contribui para desenvolver: solidariedade, superação de conflitos psíquicos e sociais, espírito empreendedor, capacidade de perdoar, de filtrar estímulos estressantes, de escolher, de questionar e de estabelecer metas.

Dentre essa realidade hoje se precisa na escola pública professores fascinantes, profissionais revolucionários, que mudem paradigmas, transformem o destino de um povo e o sistema social sem armas, podem até ser desprezados e ameaçados, mas sua força é imbatível. Devem ser incendiários que inflamem a sociedade com o calor da sua inteligência, compaixão, e singeleza. São livres porque pensam, pensam porque amam a vida e, com isso os alunos adquirem um bem extraordinário: consciência crítica, sem serem manipulados, controlados, chantageados e se tornarem promotores da auto-estima, sobrevivendo as tormentas sociais.

1.2. O Papel Social do Professor

Falar do papel de educadores na sociedade atual demanda entender como esse foi se constituindo através do caminhar da educação brasileira. Segundo Gadotti (1998), os cursos de formação de professores, mais especificamente o curso de pedagogia, é regulamentado no Brasil em 1969 no período da ditadura militar, fato este que remete a pensar em um educador passivo, apolítico, técnico sem preocupações sociopolíticas, com um agir totalmente desvinculado da realidade na qual se inseria. Dessa forma, oferece habilitações para supervisão, orientação, administração, inspeção e planejamento com conotações totalmente tecnicista, apoiada no treinamento desses profissionais para atuarem nas escolas com toda a objetividade possível.

Entender a forma que o curso de pedagogia foi regulamentado no Brasil se faz necessário a compreensão de como essa mentalidade, mesmo que de forma implícita, ainda permeia o agir de educadores e educadoras no momento atual, pois, como nos aponta Sany Rosa (2000), a formação do profissional da educação não se inicia, ao contrário do que se imagina, quando esse ingressa em um curso de formação de professores, mas sim desde o primeiro dia em que esse ingressa na escola como aluno. Suas representações e significados de educação,

vivificados enquanto estudantes, são muito mais influenciadas pela sua vivência escolar do que com as teorias que venha a entrar em contato em sua formação acadêmica.

Sendo que grande parte dos educadores que se encontram em sala de aula atualmente passou por todo esse sistema repressivo da ditadura militar e foram alunos de professores que trabalhavam sobre a égide desse momento histórico, se Sany Rosa tem razão, necessitam sempre refletir, questionar e rever sua prática pedagógica para não cair em um ciclo vicioso de reprodução dessa ação castradora. Para Gadotti (1998, p.71) o profissional da educação precisa ser desrespeitoso para questionar a realidade que a ele se apresenta para então promover mudanças sociais. Explicando melhor, apóia-se nas palavras do autor: *“É preciso ser desrespeitoso, inicialmente, consigo mesmo, com a pretensa imagem do homem educado, do sábio ou mestre”*. E é preciso desrespeitar também esses monumentos da pedagogia, da teoria da educação, não porque não sejam monumentos, mas porque é praticando o desrespeito a eles que descobriremos o que neles podemos amar e o que devemos odiar. [...]. *Nessas circunstâncias, o educador tem a chance de repensar o seu estatuto e repensar a própria educação. O educador, ao repensar a educação, repensa também a sociedade.*

Desrespeitar, no enfoque de Gadotti, pode ser entendido como questionar. Educadores precisam constantemente repensar e revisitar suas crenças mais intrínsecas sobre a representação que têm de educação, pois, de acordo com Paulo Freire, que já proclamava desde os anos 60, e de acordo com Gadotti (1998, p.72), a educação não é neutra. Ou se educa para o silêncio, para a submissão, ou com o intuito de dar a palavra, de não deixar calar as angústias e a necessidade daqueles que estão sob a responsabilidade, mesmo que temporária, de educadores nos âmbitos escolares. Sendo assim, métodos e técnicas precisam ser secundarizados na discussão sobre a educação, o que se

deve atentar prioritariamente é sobre a vinculação “entre o ato educativo, o ato político e o ato produtivo”.

Nesse prisma, os professores têm um papel sobretudo político e precisam problematizar a educação, buscando o porquê e o para quê do ato educativo; mais que isso, sua tarefa é a de quem incomoda, de quem evidencia e trabalha o conflito, não o conflito pelo conflito, mas o conflito para sua superação dialética.

Normalmente, o professor que chama o aluno pelo nome, que repara em algum detalhe, uma roupa, um novo corte de cabelo; o professor que menciona ter conhecido o pai de seu aluno e lhe faz um elogio. São pequenos gestos de atenção que quebram barreiras e fertilizam o terreno da amizade entre ambos. Basta um pouquinho de boa vontade e vocação, para se fazer bem feito o que se faz, pois o professor é a referência, é o modelo, é um exemplo a ser seguido e, exatamente por causa disso, o pouco que fizer afetuosamente, uma palavra, um gesto, será o bastante para ajudar a auto-estima do aluno.

Segundo Chalita: (2001, p.154)

A educação é um processo que se dá através do relacionamento e do afeto para que possa frutificar. Professores que não vibram com os alunos são como pais que preferem os filhos afastados de si o maior tempo possível, ou seja, não fizeram a escolha vocacional mais adequada às suas disposições de espírito (2000, p.154) .

Gadotti (1998, p.74) entende que não há uma educação tão somente reprodutora do sistema e nem uma educação tão somente transformadora desse sistema. Essas duas tendências coexistem no plano educacional numa perspectiva dialética e conflituosa. Sendo assim: *[...] há uma contradição interna na educação, própria da sua natureza, entre a necessidade de transmissão de uma cultura existente — que é a tarefa conservadora da educação — e a*

necessidade de criação de uma nova cultura, sua tarefa revolucionária. O que ocorre numa sociedade dada é que uma das duas tendências é sempre dominante.

Sendo assim, o papel dos profissionais da educação necessita ser repensado. Esses não podem mais agir de forma neutra nessa sociedade do conflito, não pode ser ausente apoiando-se apenas nos conteúdos, métodos e técnicas; não pode mais ser omissos, pois os alunos pedem uma posição desses profissionais sobre os problemas sociais, não com o intuito de inculcação ideológica de suas crenças, mas como alguém que tem opinião formada sobre os assuntos mais emergentes e que está disposto ao diálogo, ao conflito, à problematização do seu saber.

Atualmente não se pode mais apoiar-se em teses que apregoam que a educação não pode mudar enquanto não houver mudanças estruturais no sistema. Faz-se necessário acreditar, com Gadotti, que, apesar da educação não poder sozinha transformar a sociedade em questão, nenhuma mudança estrutural pode acontecer sem a sua contribuição. A transformação social, que muitos almejam para uma sociedade mais justa, com menos desigualdades, onde todos tenham voz e vez, só será possível a partir do momento que se evidenciem os conflitos, não tentando escondê-los ou minimizá-los, mas que os tragam à tona, para que assim a educação não contribua como mecanismo de opressão, buscando a superação e não a manutenção do *status quo*.

Sendo assim, precisa-se refletir sobre a urgência de criar-se nas escolas um ambiente que dê conta dessas transformações sociais, pois é nessa sociedade que os alunos vão interagir, e, quem sabe, como idealizava Paulo Freire, provocar transformações que levem a um bem viver coletivo, a auto-estima em alta. A respeito dessa transformação que surge, Gadotti (1998, p.81) nos diz:

O homem faz a sua história intervindo em dois níveis: sobre a natureza e sobre a sociedade. O homem intervém na natureza e sobre a sociedade, descobrindo e utilizando suas leis, para dominá-la e colocá-la a seu serviço, desejando viver bem com ela. Dessa forma ele transforma o meio natural em meio cultural, isto é, útil a seu bem-estar.

Da mesma forma ele intervém sobre a sociedade de homens, na direção de um horizonte mais humano. Nesse processo ele humaniza a natureza e humaniza a vida dos homens em sociedade. O ato Pedagógico insere-se nessa segunda tipologia. *É uma ação do homem sobre o homem, para juntos construírem uma sociedade com melhores chances de todos os homens serem mais felizes.* Entender essa complexidade da ação educativa faz-se necessário para que se saia de posturas extremistas, ora endeusando ora demonizando quaisquer que sejam as mudanças no setor educativo.

Nessa perspectiva, assim como Paulo Freire, Gadotti (1998,p.92) defende que a educação não pode negar a sociedade que está inserida e a luta de classes que há nessa sociedade, pois o *“avanço das lutas sociais modifica a fisionomia das lutas pedagógicas”*. Sendo assim, Gadotti defende que a educação pode promover nos estudantes uma consciência social e política, porém não política partidária, visando à melhoria da qualidade de ensino, à melhoria das relações interpessoais que se travam na escola, à melhoria da organização do trabalho que se desenvolve na escola, dentre outros fatores que só um estudante politizado pode reivindicar.

Para Gadotti (1998, p.85):

Estudante politizado é aquele que atua politicamente dentro e fora da escola. É um estudante que tem motivação pela qualidade, pela relevância social e teórica do que é ensinado. Passa a exigir do professor, tem interesse pelas relações humanas estabelecidas no interior da escola, discute a gestão da escola, o currículo, enfim, o projeto político – pedagógico da escola.

Com essa realidade o autor insere em suas palavras a idéia de uma política educacional que dê autonomia e que eleve a auto-estima do educando e do educador em sala de aula, onde a escola seja o estar prazeroso no relacionamento humano e, como consequência disso o ensino-aprendizagem se torne real e produtivo, proporcionando a melhoria da qualidade de vida humana.

Segundo Rossi (2004,p.51), todas as pessoas devem buscar ter qualidade de vida e esta inclui alimentação, ambiente sadio, comunicação, educação e lazer. Destacaremos apenas a educação que no momento nos detemos:

Educação: a educação, direito e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua preparação para o trabalho. Educação e saúde são requisitos fundamentais para a formação do indivíduo e para o exercício da cidadania.

Como percebe-se vários autores destacam a qualidade de vida como uma brecha, um processo de conscientização de mudanças.Tendo percebido a importância da qualidade de vida necessitam aumentar nossa auto-estima autora Rossi (2004, p.188) Assim nos fala:

A auto estima é uma experiência íntima, que reside no cerne de nosso ser. É o que eu penso e sinto sobre mim mesmo...saiba que a auto-estima exige conferencia – o EU Interior está de acordo com o eu manifesta no mundo. Exige autenticidade, coragem e independência. É uma conquista difícil, trabalhoso, sem duvida! As pessoas autenticas são minoria, sim, mas são também as mais felizes, pois sabem amar a si e aos outros!

2. O PAPEL DA PSICOPEDAGOGIA INSTITUCIONAL

A psicologia, enquanto campo de conhecimento não pode ficar alheia às questões sociais e educacionais de País, mas deve assumir o compromisso ético com a maioria da população onde o direito à educação, saúde e cidadania são negados. *“O papel social da psicologia atua como relevo nesta denúncia em uma ação institucional politicamente comprometida e consciente”*(Campos. In: OLIVEIRA, 1994, p. 215.)

O ideal da educação, não é aprender ao máximo, maximalizar os resultados, mas é antes de tudo aprender a aprender; é apreender a se desenvolver e aprender a continuar a se desenvolver depois da escola (PIAGET 1973,pg.32).

Com embasamento da LDBEN a ação do psicólogo está centrada na prevenção do fracasso e das dificuldades escolares, não só do aluno como também dos educadores e demais envolvidos neste processo, onde a constituição de autonomia do professor, da postura crítica em relação a sua ação pedagógica e o desenvolvimento da autonomia de pensamento pode acontecer a partir da intenção psicopedagógica na escola.

Portanto o fracasso escolar está alicerçado, basicamente, sobre duas dimensões que influenciam numa relação dialética: a individual que diz respeito ao aluno e suas vivências, pertencentes a uma estrutura externa, que corresponde à escola e aos aspectos culturais, ideológicas e sócias da aprendizagem.

Segundo Butelman apud Oliveira (1994,p.33) na dimensão institucional da educação, a aprendizagem e o desenvolvimento da criança, do educando e também dos pais é a tradução ativa de uma rede e relações sociais entre esse

grupo no que diz respeito ao conhecimento, pois desejar aprender é desejar a vida. A auto-estima de educar seria um não importa da rede assim como a auto-estima do educando que vai se constituindo ao longo da trajetória individual e social.

Segundo Arroyo (2000, p.48):

Para milhares de docentes, educadores da escola pública, seu ofício aparece como um dever ser com novas tonalidades.... Como educadores(as) terão de dar conta de algo mais do que acompanhar seu desenvolvimento, terão de recuperar sua humanidade roubada, na expressão de Paulo.

Com o interesse do sistema e da escola em direcionar e admitir o trabalho do Psicopedagogo, o mesmo pode adquirir um caráter preventivo, principalmente o institucional, pois o trabalho será o de orientar professores, realizar diagnósticos, facilitando o processo de aprendizagem, trabalhando as diversas relações humanas que existem nesse espaço, realizando atividades para que seja melhorada as relações interpessoais.

É importante salientar que a Psicopedagogia é uma área que vem a somar, trabalhando em parceria com os diversos profissionais que atuam em sua área de abrangência e seu foco de estudo também se direciona para análise e reformulação de práticas educativas resignificando hábitos e atitudes e, nessa realidade, o Psicopedago possui uma observação atenta e uma escrita sem “pré-conceito”. Assinalada pela imparcialidade pode detectar a real problemática da instituição escolar.

Esse é o papel do Psicopedagogo olhar em detalhe, numa relação de proximidade, porém de cumplicidade, facilitando processo de aprendizagem, participante da dinâmica da comunidade educativa favorecendo a orientação. Já no caráter assistencial: ele participa da elaboração de planos e projetos no contexto teórico prático das políticas educacionais, fazendo com que todos da

comunidade escolar repensem o papel da escola frente a sua docência e as necessidades individuais de aprendizagem da criança ou da própria aprendizagem.

Participando da rotina escolar o Psicopedagogo a interage com a comunidade, participando de reuniões de pais (esclarecer o desenvolvimento dos filhos, dos Conselhos de Classe, analisando o processo didático). Acompanhando a relação professor–aluno, sugerindo atividades ou oferecendo apoio emocional e finalmente acompanhando o desenvolvimento do educando e do educador no complexo processo de aprendizagem mesmo que a escola passe a se preocupar com os problemas de aprendizagem nunca conseguirá abarcá-los na sua totalidade, é neste momento que o papel psicopedagogo se faz presente.

O Psicopedagogo tem o trabalho de parceria junto aos professores e que quando bem definida e desempenhada por função não provoca ameaças ao trabalho do professor, pelo caráter procura sanar as dificuldades do aluno. Ele deve trabalhar para que a escola não seja um problema, seja a solução, pois se vive em tempos modernos e mais do que nunca se necessita de muitos conhecimentos e esse profissional irá auxiliar como e porque transformar a escola neste lugar de construção do conhecimento e na própria elaboração do Projeto Político Pedagógico ou seja, através do seus conhecimentos ajudar a escola responder questões fundamentais como por exemplo: o que ensinar? E pode ajudar o professor a perceber quando a sua maneira de ensinar não está apropriada a forma do aluno aprender.

Por exemplo: assim como a febre pode ter vários fatores, as dificuldades de aprendizagem também, e só uma avaliação psicopedagógica pode garantir a orientação correta do profissional que vai solucionar o problema, pois o Psicopedagogo tem muito o que fazer na escola, e em todos os momentos sua presença será onde contemplar a instituição como um todo.

Isso significa que o trabalho do Psicopedagogo institucional é o de:

⇒ Orientar os pais;

⇒ Avaliar os professores e demais profissionais nas questões pedagógicas e Psicopedagógicas;

⇒ Colaborar com a direção para que haja um bom entrosamento entre todos os integrantes da instituição e principalmente, socorrer o aluno que esteja sofrendo, qualquer que seja a causa.

Certamente cada instituição tem suas necessidades e o Psicopedagogo deverá identificá-las para que efetivamente cumpra seu papel.

Segundo Costa(2001, p.42):

A Psicopedagogia e a Psicomotricidade são áreas do conhecimento que tem um caráter interdisciplinar e, no seu processo de evolução, contribuem de forma muito especial para a construção do homem global sem perder de vista sua subjetividade... entendem o corpo do sujeito entrelaçado em sua história... O movimento do corpo é entendido pela Psicopedagogia como linguagem que expressa o sujeito e denuncia as marcas impressas nele pelos processos de aprendizagem.

Fernández (1994, 110–111):

[...] a partir dos jogos e cenas psicodramáticas, as professoras podem mediatizar e analisar sua participação na tarefa desde um lugar de terceiro... Com o estudo da subjetividade de professora e seu posicionamento frente as diferenças de gênero sexual se inclui um nível de análise para ressignificar e reconstruir seu posicionamento frente a si mesmo e aos demais.

No livro Psicopedagogia em Psicodrama a autora Fernández (1994) nos fala na contra-capa do mesmo:

Para pensar com autoria, manter nossos sonhos, recordar e superar os sofrimentos, nós adultos precisamos, assim também como as crianças, do “jogar-brincar”. Usufruir do “jogar-brincar” e psicodramatizar como espaços nutrientes da alegria, que é energia transformadora.

Como vemos o lúdico deve fazer parte da formação inicial e continuada dos Educadores e Psicopedagogos.

Mendes apud Oliveira (1994,p.30) nos relata também experiência reflexivas da ação Psicopedagogia dentro da Instituição, na criação de um espaço transicional de transformação. Veremos palavras dela:

[...]surgiu a leitura dramática como ferramenta da Psicopedagogia; para uma nova construção. Através do jogo dramático surgiu a “construção desejante” em um projeto identificatório de um sujeito pensante, que se relacionasse com as identificações que faziam parte de seu eu, como pessoa e como profissional. Essa construção desejante poderá estar presente entre o possível (desejo de conhecer) e o impossível (conhecer do desejo) que foi relacionada ao ato de aprender e de pensar [...]

A experiência teórico-prática com as dificuldades de aprendizagem confere ao Psicopedagogo competências específicas educacionais, ou seja deverá continuamente despertar o desejo de aprender, de pensar, de desejar, de busca contínua de desafios permanentes neste mundo em constante transformação.

A psicopedagogia visa compreender os problemas de aprendizagem, refletindo sobre as questões relacionadas ao desenvolvimento cognitivo, psicomotor e afetivo, implícitas nas situações de aprendizagem.

3. CONTEXTUALIZAÇÃO METODOLÓGICA

3.1. Caracterização do Estudo

O presente trabalho foi realizado na Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. Alfredo Duarte, com professores de Educação Infantil à 4ª ano do Ensino Fundamental.

A pesquisa participante teve como objetivo demonstrar o desenvolvimento da auto-estima do Professor, buscando melhorar o ensino-aprendizagem juntamente com o papel do Psicopedagogo. Pretende-se que o educador no fazer pedagógico, tenha a intenção de desenvolver suas atividades para que o processo educativo seja apresentado de maneira prazerosa e se evidencie resultados positivos na áreas cognitiva, sócio-afetiva e psicomotora.

Considerou-se, no desenvolver este trabalho cujo tema foi A AUTO-ESTIMA NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR E DO PSICOPEDAGOGO, cujo estudo teórico com embasamento real de autores no assunto e a experiência vivenciada e teorizada no decorrer do Curso de especialização em Psicopedagogia institucional, conhecer a opinião da classe docente, visto que o conhecimento é uma atividade que por si só transforma a realidade, levando os envolvidos a uma reflexão — apropriação do saber, descobrindo um novo mundo, uma nova maneira de enxergar a evolução do fazer pedagógico como conhecimento no que se refere ao trato do Professor e sua formação para bem atender os alunos, tornando a escola uma relação direta entre a teoria e a prática em tornar possível ao aluno, através do prazer de convivência a produção de seus próprios conhecimentos.

O trabalho foi direcionado para o conhecimento qualitativo da realidade da escola, utilizando como metodologia pesquisa participante qualitativa, cuja descrição dos dados foi determinado pela real situação, que foi suficiente para analisar o assunto enfocado. Enquanto investigadora fiquei sempre atenta para os elementos que surgiram no momento das entrevistas, no diálogo nas reuniões, nas observações e nos comentários dos filmes, redirecionando assim o trabalho, dentro das necessidades surgidas, até para que houvesse fidelidade no estudo e, para que os membros da escola analisada, conheçam a forma completa e profunda das dimensões da situação analisada.

3.2. Contextualização da Escola

A escola em estudo está localizada bem próxima ao centro da cidade, na Avenida Lima e Silva, nº 500, zona sul da cidade, consta com Corpo Discente de cento e sessenta (160) alunos de Educação Infantil e Anos Iniciais (1ª ao 4ª ano) do Ensino Fundamental. A referida Instituição de Ensino conta com quinze (15) professores, sendo que todos possuem o 3º Grau, cinco estão concluindo o Curso de Pós – Graduação e duas já possuem Especialização.

Como embasamento filosófico a escola defende que o *“Educar é respeitar, aceitar o ser humano, tornando-o capaz, criativo e responsável”*. Com este posicionamento a comunidade escolar visa desenvolver princípios de respeito, aceitação do outro, respeitando seus limites, desenvolvendo a criatividade e responsabilidade, afim de que possa reelaborar seus conhecimentos, habilidades e valores, autonomia, harmonia e comprometimento, assumindo a continuação da história da humanidade.

3.3. Participantes e Instrumentos da Pesquisa

Este trabalho teve seu desenvolvimento através de pesquisa participativa com professores de uma Escola Municipal de Ensino Fundamental – Educação Infantil e anos Iniciais do Ensino Fundamental da Zona Urbana de Caçapava do Sul – RS; onde foi proporcionado reuniões, sessões de estudo, técnicas, encontros, filmes e um questionário onde foi observado e registrado pelas respostas individuais a interferência da auto-estima elevada do Professor para uma melhora de qualidade de vida dos mesmos e uma melhora da qualidade do ensino-aprendizagem na escola, como reflexo da melhora da auto-imagem e auto-conceito dos professores, profissão hoje tão desvalorizada e mal remunerada, onde os professores fazem de tudo e acabam perdendo seu perfil (estão sempre rodeados de diversidades).

Os professores foram engajados e, espontaneamente comprometidos com o tema, visto que em situações assim, o "elevar a auto-estima" aparece como solução possível para mudar o viver diário do Professor e, conseqüência disso, a atitude dos educandos de resolver todos os problemas de aprendizagem. O professor, então, começa a quebrar a cabeça e a inventar fórmulas e mais fórmulas para tentar reverter o quadro. Esses participantes colaboraram na pesquisa em conversa informal, que foi realizada com a finalidade de detectar mais informações a respeito do relacionamento e auto-estima do Professor em função da melhoria do ensino – aprendizagem na escola pública.

Para começar as atividades e efetuar a coleta de dados, foi solicitado licença na escola, deixando claro o projeto de pesquisa, bem como os objetivos e fins do tema abordado. Dos catorze (14) professores que responderam, foi feito acordo e um sorteio aleatório dos questionários com os entrevistados quanto à utilização das informações, do caráter confidencial e do anonimato dos sujeitos, no

decorrer da investigação; bem com a publicação desta e, os mesmos foram cognominados para este trabalho, por letras do Alfabeto.

3.4. Organização dos Dados

Os dados coletados foram lidos, discutidos e analisados e após relatados de forma descritiva, enfatizando-se mais o processo do que o produto, preocupando-se com a perspectiva dos participantes, onde todos os elementos pesquisados foram considerados importantes.

Neste contexto a coleta de dados mostrou a realidade e a visão do que se pretende, em uma escola que se propõe a elevar a auto-estima do Professor, em função da melhoria do ensino-aprendizagem do educando, nova abordagem que atende a uma variedade de casos diferenciados, estando envolvidos estudantes com toda a classe social e todo o modelo de entendimento no ensinar-aprender na escola .

4. RELATO DOS DADOS OBTIDOS NA PESQUISA

Este trabalho teve como foco principal a reflexão do professor sobre a sua importância no processo ensino–aprendizagem como educador num ambiente provido de afetividade, de valorização do ser humano, na comunidade em que se atua, muitas vezes sem nenhum interesse de ferir a afetivamente seus filhos, indiretamente acaba mascarando os brios da auto–estima, primeiramente pessoais, repercutindo nos familiares e conseqüentemente profissional e, nesse caso no contexto escolar.

A escola como organização conceitual de grupo, está alicerçada numa concepção de desenvolvimento humano, caracterizando a organização da atividade comum e do aprendizado através de ações e, nesse contexto o aspecto mais importante de apropriação trazido pelos professores em reuniões, palestras e, mesmo no questionário aplicado foi o registro de que um profissional que dispõe de pouco tempo e pouco dinheiro, não consegue adquirir recursos para atualizar–se, nem mesmo para proporcionar a si momentos de lazer, sendo que estes são os principais momentos da expressão da criatividade, do desenvolvimento da auto–estima e da auto–realização.

Conforme Nóvoa (1995, p.45), “precisa–se investir numa nova cultura profissional, em que a produção de saberes sejam valorizados com vistas a dar formas ao exercício autônomo da profissão docente.” Dessa forma, a formação é vista centrada na pessoa e indissociável da produção de sentidos, sobre as vivências e experiências.

Considerando que tanto docentes como especialistas da educação são professores, cabe a ambos realizar exercícios de auto reflexão crítica, de forma a repensar, reconstruir, redesenhar e refletir sobre a formação de professores e a relevância da mesma para a práxis educativa.

Quanto ao filme *“Procurando o Nemo”*, os professores colocam uma grande lição de positividade e de crença na profissão escolhida e defesa daquilo que se propuseram a fazer e que juraram para a eternidade como educadores: de que nunca se deve desistir de algo que se quer alcançar, precisa-se confiar sempre, principalmente no eu; ser persistente e saber que uma andorinha não faz verão, se é capaz de construir algo no conjunto e, esse conjunto na escola quer dizer hoje *“Comunidade Escolar”*. O professor tem que ousar, desafiar e acima de tudo confiar que é capaz, quando se acredita e, quando isso acontece, se está ao mesmo tempo, passando esta confiança ao nosso aluno.

Também é necessário, superar os estereótipos e preconceitos, que muitas vezes tanto os professores, quanto os educandos, sentem com relação aqueles que apresentam determinadas diferenças, como o *“Nemo”*; que possuía uma nadadeira com deficiência. Seu pai, o superprotegia, assim como muitas vezes nós educadores tentamos superproteger e/ou rejeitar aqueles diferentes. Tanto com relação a auto-estima e/ou auto-imagem, é necessário que se acredite na superação das dificuldades e/ou deficiências, semelhantes a *“GAIVOTA DE UMA ASA QUEBRADA”*, do livro e filme de Richard Bach Fernão Capelo Gaivota.

4.1. Conclusão dos professores sobre o Filme: *“Adorável Professor”*

Conforme comentário do filme *“Adorável Professor”*, embora o professor tivesse toda a técnica e a teoria, faltava o pedagógico para trabalhar com as diferenças, pois cada um tem o seu modo de aprender, faltava mexer com as emoções e a sensibilidade. Foi convivendo com o problema do filho, com os

conflitos que ele viu que teria, e o fato de ter que mudar para entender e chegar as emoções de seus alunos, e assim apaixonar-se pela sua profissão, tornando-se muito querido de seus alunos e todos que passaram por ele.

Considerar o trabalho na educação como referencial ao lado humano foi o que de concreto o filme passou, referendando a posição do Professor, mesmo frente as adversidade cotidianas pessoais e profissionais. Lutou por seus ideais independentes dos transtornos ocorridos, dando com essa ação testemunho aos mestres de hoje, no enfoque de que a vida deve ser condicionada a realidade precisa e, que a auto-estima sempre vai elevar o bom humor, o bom condicionamento pessoal, o bem entender as pessoas e como conseqüência o bem viver. O ator principal deu seu testemunho, trabalhando de uma forma tão profunda, que conseguiu deixar marcas positivas e modificar algo na vida de todos os seus alunos, coisa que, na nossa realidade pouco acontece.

4.2. Entrevista com os Professores

Numa amostra aleatória composta de oito (08) entrevistas feitas por sorteio para relatório, após analisar as respostas sobre o assunto. Quando se falou de como a auto-estima do professor pode ser abalada durante o seu trabalho na escola, salientam que ...

Professora A

Quando seu trabalho não é valorizado, quando ela se sente só nas suas tomadas de decisões e resolve situações diversas, muitas vezes fica um pouco deprimida por não receber ajuda das demais pessoas envolvidas na educação, que atuam na escola.

Professora B

A auto-estima pode ser abalada através de um desgaste emocional, problemas com doenças, o estar longe da família etc. A professora acaba prejudicando a si próprio.

Professora C

A auto-estima pode ser abalada de várias formas, desde uma injustiça até a desvalorização (salário), nos ajuda na auto-estima.

Analisando as respostas dos professores, percebemos que a maioria afirma que a falta de incentivo, falta de crença em seus ideais, a falta de valorização do trabalho, quando as críticas sobressaem aos elogios, o desgaste emocional, solidão, problemas de doenças, as injustiças, etc.

Com relação a questão nº 2: Porque a presença ou a ausência da auto-estima faz uma diferença tão grande na vida das pessoas?

Professora A

Porque a pessoa com sua auto-estima alta vê as coisas de forma mais prazerosa e entusiasmada, é uma otimista, que logo se percebe que está de bem com a vida, ao contrário daquela que tem sua auto-estima baixa onde as coisas e situações difíceis são fortes obstáculos, e então acaba se queixando de mau humor.

Professora B

Porque a auto-estima deixa a pessoa feliz, de bem com a vida, a ausência de auto-estima deixa a pessoa frustrada, sem uma direção na vida.

Professora C

Porque se estou bem comigo, as coisas ruins não nos afetam tanto, mas se estou com a cabeça ruim, tudo é motivo de insegurança, dúvidas. Tudo tem a ver com nosso estado emocional.

Analisando as respostas, percebemos que a maioria percebe a importância da auto-estima elevada para amenizar os problemas de forma leve e prazerosa. Acreditam no poder da palavra, para encorajar as pessoas.

Com relação a questão nº 3: Como se manifesta a auto-estima saudável?

Professora A

A auto-estima é saudável, quando você acredita que está progredindo em todos os setores da sua vida.

Professora B

É realizar o que gosto, me sentir bem e fazer (realizar nossas ações com prazer...).

Professora C

Através do diálogo, a felicidade etc.

As professoras colocam que através das boas atitudes e condutas, através do diálogo, a felicidade, o gosto em sentir-se bem, o fazer realizar suas ações com prazer.

Com relação a questão nº 4:

Professores, você está satisfeito com a educação hoje?

Professor A

Acho que a educação ainda não atingiu a qualidade que tanto almeja.

Professora B

Acredito que totalmente não. Existem fatores que contribuem para uma desvalorização do professor em educação.

Conheço o hoje, sonho com o amanhã melhor.

Com relação a questão nº 5: Os professores estão capacitados para exercerem suas funções de ajudarem as crianças, a serem cidadãos com auto-imagem positiva?

Professora A

Depende da consciência de cada professora, dedicação e abraçar a causa.

Professora B

Não, em certos casos, pois nós professores recebemos formação para ensinar, transmitir conhecimentos e em certas situações, é preciso que nos desprendamos, e nos empenhamos além de nossas possibilidades, para tais fatos.

O que as vezes nos põe em conflitos, porque não conseguimos resolver determinados problemas que surgem.

Professora C

Acredito que ainda não estamos preparados para tantas adversidades, porque corremos demais, estamos cada vez mais assoberbados, com tantos afazeres e cada vez mais assumindo um papel, que é da família.

Os professores colocam que vai depender da consciência de cada um, é preciso que nos desprendamos para possibilitar tais fatos, que muitas vezes; nos colocam em conflitos e assumindo várias vezes o papel que é da família, com tantas diversidades.

4.3. Técnica aplicada aos professores

Distribuiu-se mimos e neles anexos reflexões sobre algumas situações que levam a dificuldades de aprendizagem pelas crianças, fundamentadas pela pedagoga e psicóloga Nádia. A Bossa em seu livro "Dificuldades de Aprendizagens". O que são? Como tratá-las? Foi colocada a seguinte explanação: a escola mudou com o passar dos tempos, novas tecnologias, novas metodologias que ingressam no ambiente escolar e os professores e os alunos de curso, tornam-se defasados, necessitando de avaliação e este contexto que o psicólogo conquista espaço que é uma área de conhecimento interdisciplinar, que tem como objeto de estudo a aprendizagem humana. O papel do psicopedagogo é potencializá-la a atender as necessidades individuais, no decorrer do processo.

Estudo que teve a finalidade de demonstrar o que e como deve ser feito o trabalho no conjunto educacional, do ponto de vista pedagógico, psicológico e administrativo, visto da ação interligada da Comunidade Escolar, onde cada elo deva fazer a sua parte, para num todo os resultados do ensinar e aprender sejam positivos.

O trabalho do psicopedagogo pode adquirir um caráter preventivo, principalmente o institucional, pois o trabalho será o de orientar professor, realizar diagnóstico, facilitando o processo de aprendizagem, trabalhando as diversas relações humanas que existem nesse espaço, realizando trabalhos, melhorando as relações interpessoais. É importante salientar que a Psicopedagogia é uma área que vem a somar, trabalhando em parceria com os diversos profissionais que atuam em sua área de abrangência, e seu foco de estudo também se direciona para a análise e reformulação de práticas educativas ressignificando hábitos e atitudes. O Psicopedagogo possui uma observação atenta e uma escrita sem "pré-conceitos", assinalada pela imparcialidade pode detectar a real problemática da instituição escolar.

Esse é o papel do psicopedagogo “olhar em detalhe”, numa relação de proximidade, porém de cumplicidade facilitando o processo de aprendizagem, participando da dinâmica da comunidade educativa favorecendo a orientação, já no caráter assistencial; ele participa da elaboração de planos e projetos no contexto teórico – prático das políticas educacionais, fazendo com que todos da comunidade escola, repense o papel da escola frente a sua docência e as necessidades individuais de aprendizagem da criança ou da própria ensinagem.

Participando da rotina escolar o Psicopedagogo interage com a comunidade, participando e reuniões de pais(esclarecendo o desenvolvimento dos filhos, dos conselhos de classe, avaliando o processo didático metodológico). Acompanhando a relação professor – aluno sugerindo atividades ou oferecendo apoio emocional e finalmente acompanhando o desenvolvimento do educando e do educador no complexo processo de aprendizagem. Mesmo que a escola passe a se preocupar com os problemas de aprendizagem, não conseguirá abarcá-los na sua totalidade é neste momento que o papel do Psicopedagoga se faz presente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apegar-se no que já deu certo, por vezes traz em si um certo conforto que faz com que toda tentativa de mudança seja vista com temeridade. Na atualidade a sociedade encontra-se em meio a profundas transformações. Em vista das tecnologias, da rapidez de acesso às informações, dentre outros fatores, a superação das idéias hoje concebidas como apropriadas, amanhã são questionadas. Essas questões trazem consigo um certo desconforto e uma necessidade de rever sempre os conceitos.

Nesta época se tem que pensar e decidir o percurso pelo qual se quer que transmita a realidade social e a educação dentro de coordenadas inseguras [...]. A crise dos sistemas educativos tem a ver com a perda da consciência em seu sentido [...]. Tomar opções não é fácil neste final de milênio em que se vê tombadas tantas referências e seguranças. A educação tem funções a cumprir; entretanto, estão ficando desestabilizadas pelas mudanças políticas, sociais e culturais que estão acontecendo [...]. Assistimos a uma crise importante nos discursos que têm guiado a escolarização nesta segunda metade do século XX. As práticas, entretanto, parecem seguir velhas seguranças, como se nada estivesse acontecendo [...].

Nós enquanto Educadores, Orientadora Educacional e futura Psicopedagoga mesmo com dificuldade de toda a ordem acreditamos que é necessário, desafiar e investir em conhecimento. O maior valor é o próprio auto-conhecimento, tentando aumentar a auto-estima, a auto-imagem e o auto-conceito de si, dos colegas e dos outros. Acreditamos como a “gaivota de asa

quebrada” de Richard Bach, que podemos voar, para isso é necessário muito estudo, muita esperança, muito desejo. O ser humano é sempre inacabado e este inacabamento o que leva a buscar sempre.

Segundo Fagali e Vale (1993), refletindo sobre novas formas de sentir, pensar e agir em relação ao conhecimento, frente às propostas psicopedagógicas, encontramos na releitura de *Fernão Capelo Gaivota*, de Richard Bach, um sentido para a proposta deste projeto. Para Fernão Gaivota, era fácil para as gaivotas aprendizes aprenderem novos vôos, mas é difícil compreender o que existia por trás deles e perceber que “cada um de nós é em realidade uma idéia da Grande Gaivota, uma idéia ilimitada de liberdade... Nós somos livres para ir onde aprover e ser o que somos”. Concordamos que a liberdade é uma meta a ser conquistada e sempre inacabada.

As professoras participantes da pesquisa tem consciência de toda complexidade de suas funções e entendem que investir na sua formação e desenvolvimento, é um direito e um dever. Vamos continuar coletivamente nos ajudando, nos apoiando e juntos ajudaremos à melhorar a educação a começar pela nossa formação continuada.

Gimeno Sacristán (2000), toca em questões que fazem pensar sobre as mudanças educacionais que documentos formulados nos meados do século passado, como o Relatório Delors e os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), permeiam a esfera educacional. Entretanto, apesar de serem muito bem formulados e apontarem um norte à educação, são, por vezes, acomodados numa prateleira qualquer das escolas e por ali ficam, não acontecendo, então, a transposição teórico-prática. Isso se justifica pela falta de um trabalho coletivo entre os Gestores Educacionais, Psicopedagogos e a própria sociedade.

Concluimos, nesta realidade que, é fundamental que o professor recupere a capacidade de espanto e indignação, levando para a sala de aula imagens que despertem paixão e emoção, não podendo ser movido somente pela inteligência. Mais importante que criticar educadores sobre a resistência a mudanças estruturais que delegam a essa categoria, e não querendo aqui cair em generalidades, seria refletir sobre o descaso dos governantes com a importância do investimento na formação inicial e continuada dos educadores, assim como com o desenvolvimento com baixos salários que muitas vezes não possibilitam uma qualidade de vida que eleve a sua auto-estima, auto-imagem e o auto-conceito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALESSANDRINI, CRISTINA Dias. *Oficina Criativa e Psicopedagogia*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

ALVES, Rubens. *Estórias de Bichos*. São Paulo: Edições Loyola, 9º edição, 1999.

ANTUNES, Celso. *Novas maneiras de Ensinar, Novas formas de Aprender*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

_____. *A Alfabetização Emocional*. Petrópolis. Rio de Janeiro. Vozes, 1999.

_____. *Professor bonzinho = aluno difícil: a questão da indisciplina em sala de aula*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

ARROYO, Miguel G. *Ofício de Mestre. Imagens Conto*. Rio de Janeiro. Editora Vozes, 2000.

ASSMANN, Hugo. *Competência e sensibilidade solidária: educar para a esperança*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

BOLZAN, Dóris. *Formação de Professores—compartilhando e reconstruindo conhecimentos*. Porto Alegre: Editora Mediação, 2002.

BOSSA, Nádia. *Dificuldades de Aprendizagem*. Cidade, Editora e Ano.

BRANDEN, Nathaniel. *Auto-estima e auto-descoberta*. São Paulo: Saraiva, 1998.

CAMPOS, Mariluiza. *Literatura infanto – juvenil*. Editora Vozes. 1994.

CHALITA, Gabriel Benedito Isaac. *Educação: A solução está no afeto*. Porto Alegre: Editora Gente, 2001.

COSTA, A. C. *Psicopedagogia e Psicomotricidade: pontos de intersecção*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

CURY, Augusto. *Pais brilhantes, Professores fascinantes – A educação de nossos sonhos: formando jovens felizes e inteligentes*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

DANI, Lúcia Salete Celich, (Org.). *Cenas e cenários: reflexões sobre educação*. Santa Maria: Pallotti, 1999.

DELORS, Jacques. *Educação: um tesouro a descobrir. Relatório para a Unesco*. São Paulo: Cortez, 1999.

DERONI, Sabbi. *Sinto, logo existo: inteligência, emoções e auto-estima*. Porto Alegre, Alcance, 1999.

FAGALI, E.Q. e VALE, Z. *Dr. da Psicopedagogia Institucional Aplicada*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

FERNÁNDEZ, Alicia. *A mulher escondida na professora: uma leitura psicopedagógica do ser mulher, da corporalidade e da aprendizagem*. Porto Alegre: artes Médica Sul, 1994.

_____. *Os valores a Serviço da Pessoa Humana*. EDIPUCRS, 2ª Ed. 1978.

_____. *Psicopedagogia em Psicodrama*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

GADOTTI, Moacyr. *Pedagogia da práxis*, 2.ª ed., São Paulo, Cortez, 1998.

GROSSI, Esther P. *Contos. Construtivismo Pós – Piagetismo*. Vozes, 1993.

GUTIÉRREZ, Francisco. *Ecologia e cidadania planetária*. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 1999.

HELLER, A. *Teoría de los sentimientos*. Barcelona: Fontama, 1982.

LIBÂNIO, J. C. *Adeus professor, adeus professora?: novas exigências educacionais e profissão docente*. São Paulo: Cortez, 1998.

LÜDKE, Menga & ANDRÉ, Marli. *Pesquisa em educação: abordagem qualitativa*. São Paulo: EPU, 1986.

MANOLE, Dav Fontana. *Psicologia para Professores*, 1991.

MARQUEZAN, in: Dani. *Auto-Estima, Auto-Imagem e/ou Auto-Conceito in Cenas e canários*. Santa Maria: Editora Palotti, 1999.

MASINI, E. F. S. (org.). *Ação psicopedagógica: "Ciclo de Estudos de Psiscopedagogia Mackenzie*. São Paulo: Memnon, Mackenzie,2000.

MENDES, Clóvis. *O desejo de Conhecer e o Conhecer do Desejo*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

MORIN, Edgar *Os sete saberes necessários à educação do futuro*, 3.^a ed., São Paulo: Cortez, 2001.

MOSCOVICI, Felá. *Razão e emoção:a inteligência emocional em questão*. Bahia, Salvador: Casa de Qualidade,1997.

MOSQUERA, Juan M. *Psicodinâmica do Aprender*. Porto Alegre: Sulina,1977.

NÓVOA, Antônio. *Para o estudo sócio-histórico da gênese e desenvolvimento da profissão docente*. In: *Teoria e Educação*, n. 4. Porto Alegre: Pannonica, 1995.

_____. *Os Professores e a sua formação*. Portugal: D. Quixote, Instituto de Inovação Educacional, 1995.

OLIVEIRA, Ivone M. *Preconceito e auto-conceito*. Campinas: Papyrus,1994.

PIAGET, Jean. *O Julgamento Moral na Criança*. São Paulo: Mestre Jou, 1973.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. Alfredo Duarte, 2004.

ROGERS,Carl R. *Tornar-se Pessoa*. Lisboa: Moraes,1973.

ROSA, Sanny S. da. *Construtivismo e Mudança*, São Paulo, Cortez Editora,2000.

ROSENBERG,Morris. *Society and the adolescent self-image*. Princeton: Princenton University Press,1973.

ROSSI, Ana Maria. *Estressado eu?* Porto Alegre: RBS Publicações, Editora Zero Hora, 2004.

SACRISTÁN, José Gimeno. “A educação que temos, a educação que queremos”, in Francisco Inbernón: *A educação no século XXI; os desafios do futuro imediato*, Porto Alegre: Artimed, 2000.

SILVA, Tomas Tadeu da. *O Sujeito da educação. Estudos facultativos. Ciências Sociais da Educação*. Petrópolis. Rio de Janeiro, Vozes, 1994.

TIBA, Içami. *Ensinar Aprendendo – Como superar os desafios do relacionamento professor – aluno em tempos de globalização. Integração relacional*. São Paulo: Editora gente, 1998.

YUS, Rafael. *Auto – Estima reflexo da nossa singularidade*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

_____, *Educação Especial: Uma Educação Holística para o séc XXI*, Tradução. Daisy Vaz de Moraes - Porto Alegre, ARTIMED, 2002.

ANEXO

**QUESTIONÁRIO APLICADO AOS
PROFESSORES**

QUESTIONÁRIO

“As orações dos outros são úteis até que tenhamos as nossas”

1. Como a auto estima de um professor pode ser abalada no correr de seu trabalho, nas Escolas?
2. Porque a presença ou a ausência da auto-estima faz uma diferença tão grande na vida das pessoas?
3. Como se manifesta a auto-estima saudável?
4. Professor, você está satisfeito com a situação da Educação hoje?
5. Quais são os seus principais defeitos e virtudes?
6. As crianças estão indo à Escola para ser educadas e algumas para ser criadas. Não têm amadurecimento suficiente para receber instrução formal, para a qual as Escolas estavam preparadas. Estão os professores capacitados para receber mais essa incumbência?



UFSM
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA
INSTITUCIONAL

**A AUTO-ESTIMA NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR E DO
PSICOPEDAGOGO**

FÁTIMA DE LOURDES FONSECA CHAGAS

UFSM/CE/NAEES
Santa Maria, RS, Brasil
2005